

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRÍNDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fasas—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2330

A ESPADA CONTRA A PENA

A nova Lei de Imprensa, promulgada quando a censura nos amordaça, é atentatório da livre expressão do pensamento

Insistimos em manifestar o nosso mais profundo desprazer pelo actual ministro da Justiça. É um adversário—mas um adversário que nos ataca quando estamos manietados de pés e mãos pela censura militar. É poiso um adversário indigno da nossa lealdade, da nossa firmeza de opiniões e da coragem serena com que sempre afrontámos todos os ministeriais ou não. Temos, nesta casa, por única arma a pena, uma moeda caneta de cincuenta centavos que exprime os ideais e as revoltas, as aspirações e os interesses de classes que são mais necessárias à vida social do que aquelas que o sr. Manuel Rodrigues Júnior está servindo. Essa arma devia ser respeitada por quem tem a seu lado, apoiando e defendendo suas draconianas medidas, toda a guarda republicana do quartel do Carmo, toda a polícia do governo civil e a tropa, a postos, concentrada no pitoresco bivaque de Sacavém que ameaça eternizar-se.

O ministro da Justiça, que era ontem uma pessoa culta e inofensiva vivia no mais completo anonimato: fora das aulas de Direito, ninguém o conhecia—e nós a-pesar-da-nossa profissional perspicácia estávamos longe de supor que havia um ilustre desconhecido capaz de ambicionar bater o record da impopularidade que até aqui cabia ao antigo senhor de Alcaide, João Franco, que foi senhor do país, deixando como obra dois cadáveres: o do rei Carlos e o do seu filho mais velho.

O nosso instinto diz-nos que muitas vezes o verme é mais perigoso do que a fera. Neste caso, o nosso instinto não nos iludi.

Deixemos, porém, em paz o homem—Mais tarde, quando estivermos libertos do colete de forças da censura provaremos ao ministro da Justiça—se ele não tiver desaparecido no anonimato em que viveu—que não receamos as medidas violentas da sua famigeradíssima lei de imprensa com que supoz amordaçar-nos e acobardar-nos.

* * *

Há uma disposição da lei da imprensa que liberta os directores de jornais da responsabilidade de qualquer escrito incriminado, mas que os coloca, por outro lado, na situação de cúmplices.

Outra disposição estabelece multas de 4 e 5 contos para os jornalistas que sejam, por delito de imprensa, condenados na Boa Hora. Essa multa, além de representar uma violência incomportável com os seus recursos, constitui ainda uma zombaria à sua pobreza que não pode ser ignorada. As multas que são aplicadas à Moagem, a essa Moagem que faz, por dia, uma fortuna, não excedem nem modo que o ministro da Justiça parece com a sua atitude, ser incapaz elevada multa de cinco contos aplicada aos jornalistas que suspeite que estes vivem na situação económica da Moagem—e que esta se encontra na penúria dos jornalistas. Isto, em resumo, seria uma trapalhada se o equívoco do ministro da Justiça não fosse intencional—e não visasse a transformar os jornalistas em penitenciários.

A prisão preventiva está decretada pela lei. Por essa lei sclerada basta invocar o pretexto de que se publicou uma notícia alarmante para a ordem pública, para as redações serem invadidas pela polícia e os directores e redactores ficarem sob prisão, aguardando que um juri os persiga com a mesma ferocidade com que a república da posse do Estado persegue a república em todas as leis, em todos os costumes, em todos os espíritos onde ela se manifeste.

Mas, ainda hoje iniciámos os nossos comentários... amanhã, demonstraremos cabalmente aos nossos leitores que a lei de imprensa visa a suprimir a imprensa—a imprensa que não está vendida à Moagem, e à companhia de Jesus ou enfeudada ao Terreiro do Paço.

CSVN 228NSV



NOTAS & COMENTARIOS

A imortal vencedora

O sr. Armando Monteiro, pessoa grada da Moagem, foi nomeado vogal da comissão da dívida de guerra à Grã-Bretanha.

A Moagem vem com a nomeação daquele seu muito direto afilhado e cumplice provar que é um Estado dentro do Estado, em todas as situações políticas. A influência sempre crescente daquele potentado demonstra cabalmente que os salvadores da pátria não desdenham de enfatizar-se na lucrativa amizade da empresa que descobriu no lixo o sucedâneo do trigo para o fabrico do pão...

União Nacional

Em Espanha fundou-se para manter politicamente a ditadura de Primo de Rivera, um partido intitulado União Nacional. Esse partido fracassou, completamente, por falta de adesões. O espírito simiesco de certos intelectuais ratos dessa terra não podia deixar de aproveitar aquela ideia madrilenha, já está fundada, entre nós, a União Nacional. Dela fazem parte as numerosas e abundantes pessoas dos monárquicos integralistas Martinho Nobre de Melo e Pequeno Rebelo, o despeitado e ambicioso Trindade Coelho que aderiu à Sata-naz se este lhe desse a almejada legação e os "radicais"—fascistas Albino Vieira da Rocha e Lacerda de Almeida. Esta União Patriótica pode servir para empregar estes senhores—mas nunca conseguirá conquistar adesões que permitam às pessoas sentadas tomá-la a sério. A União Patriótica é sem dúvida a única, a união dos estâmagos, o Solar dos Barrigas da situação.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista "Terra Livre" para ser vendida em favor da A Batalha. Aquela camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

QUARTA FEIRA, 7 DE JULHO DE 1926

A ESPADA CONTRA A PENA

A nova Lei de Imprensa, promulgada quando a censura nos amordaça, é atentatório da livre expressão do pensamento

Insistimos em manifestar o nosso mais profundo desprazer pelo actual ministro da Justiça. É um adversário—mas um adversário que nos ataca quando estamos manietados de pés e mãos pela censura militar. É poiso um adversário indigno da nossa lealdade, da nossa firmeza de opiniões e da coragem serena com que sempre afrontámos todos os ministeriais ou não. Temos, nesta casa, por única arma a pena, uma moeda caneta de cincuenta centavos que exprime os ideais e as revoltas, as aspirações e os interesses de classes que são mais necessárias à vida social do que aquelas que o sr. Manuel Rodrigues Júnior está servindo. Essa arma devia ser respeitada por quem tem a seu lado, apoiando e defendendo suas draconianas medidas, toda a guarda republicana do quartel do Carmo, toda a polícia do governo civil e a tropa, a postos, concentrada no pitoresco bivaque de Sacavém que ameaça eternizar-se.

O ministro da Justiça, que era ontem uma pessoa culta e inofensiva vivia no mais completo anonimato: fora das aulas de Direito, ninguém o conhecia—e nós a-pesar-da-nossa profissional perspicácia estávamos longe de supor que havia um ilustre desconhecido capaz de ambicionar bater o record da impopularidade que até aqui cabia ao antigo senhor de Alcaide, João Franco, que foi senhor do país, deixando como obra dois cadáveres: o do rei Carlos e o do seu filho mais velho.

O nosso instinto diz-nos que muitas vezes o verme é mais perigoso do que a fera. Neste caso, o nosso instinto não nos iludi.

Deixemos, porém, em paz o homem—Mais tarde, quando estivermos libertos da censura provaremos ao ministro da Justiça—se ele não tiver desaparecido no anonimato em que viveu—que não receamos as medidas violentas da sua famigeradíssima lei de imprensa com que supoz amordaçar-nos e acobardar-nos.

* * *

Há uma disposição da lei da imprensa que liberta os directores de jornais da responsabilidade de qualquer escrito incriminado, mas que os coloca, por outro lado, na situação de cúmplices.

Outra disposição estabelece multas de 4 e 5 contos para os jornalistas que sejam, por delito de imprensa, condenados na Boa Hora. Essa multa, além de representar uma violência incomportável com os seus recursos, constitui ainda uma zombaria à sua pobreza que não pode ser ignorada. As multas que são aplicadas à Moagem, a essa Moagem que faz, por dia, uma fortuna, não excedem nem modo que o ministro da Justiça parece com a sua atitude, ser incapaz elevada multa de cinco contos aplicada aos jornalistas que suspeite que estes vivem na situação económica da Moagem—e que esta se encontra na penúria dos jornalistas. Isto, em resumo, seria uma trapalhada se o equívoco do ministro da Justiça não fosse intencional—e não visasse a transformar os jornalistas em penitenciários.

A prisão preventiva está decretada pela lei. Por essa lei sclerada basta invocar o pretexto de que se publicou uma notícia alarmante para a ordem pública, para as redações serem invadidas pela polícia e os directores e redactores ficarem sob prisão, aguardando que um juri os persiga com a mesma ferocidade com que a república da posse do Estado persegue a república em todas as leis, em todos os costumes, em todos os espíritos onde ela se manifeste.

Mas, ainda hoje iniciámos os nossos comentários... amanhã, demonstraremos cabalmente aos nossos leitores que a lei de imprensa visa a suprimir a imprensa—a imprensa que não está vendida à Moagem, e à companhia de Jesus ou enfeudada ao Terreiro do Paço.

CSVN 228NSV

Confederação Geral do Trabalho

Caçada do Combro, 38-A, 2º—Lisboa—Portugal

Circular n.º 59

A todos os organismos sindicais

Caros camaradas:—A burguesia norte-americana, representada nos juízes do Estado de Massachusetts, acaba de legalizar um dos grandes crimes—crime tão bárbaro e sanguinário como o que cometeu com os mártires de Chicago por motivo do movimento do 1.º de Maio de 1886.

Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, caíram na rede lançada pela burguesia norte-americana, que não perdoa áqueles que, possuidos dos mais generosos sentimentos, se entregam com toda a alma à causa dos oprimidos, dando à mesma toda a pujança do seu talento e todo o entusiasmo da sua fé.

Os proletariados americanos agitam-se neste momento contra esse crime legal e inique.

No mesmo sentido e clamorosamente se agita o proletariado consciente dos demais países do mundo.

E o proletariado português? Deveria conservar-se estranho a esse justíssimo movimento de solidariedade?

Não! Sempre o proletariado português palpitou de fremento revolta contra a injustiça governamental e reaccionária onde quer e contra quem quer que fosse cometida, sobretudo tratando-se de trabalhadores, irmãos nossos, aos quais a burguesia norte-americana não perdoa o delito de defender e pugnar pelo Pão e pela Liberdade de todos os explorados e oprimidos.

A Confederação Geral do Trabalho assim o compreende e, por isso, resolveu tornar esta questão conhecida de todos os organismos sindicais portugueses.

E' necessário que cada organismo agite, urgentemente, esta questão no seio de cada classe, por todos os meios usuais, mas especialmente em sessões magnas de classe.

E cada uma dessas sessões deverão ser aprovados protestos, correctos mas energicos, fazendo-os chegar aos consulados norte-americanos de cada localidade e destinados ao governo dos Estados Unidos da América do Norte, para que este seja forçado a suspender a execução de Sacco e Vanzetti e os submeta a novo julgamento no qual possam ser considerados inteiramente os testemunhos evidentes e irrefragáveis da sua inocência,

Pela vida e pela liberdade dos mártires Sacco e Vanzetti, deve ser, neste momento, o grito de todo o proletariado!

Lisboa, 6 de Julho de 1926.

O Comitê Confederal

Uma página de história da república de São Salvador

São Salvador é uma pequena república situada nos confins da América Central. Lindo jardim à beira-mar plantado, olhando o Pacífico. A sua história tem páginas gloriosas, escritas com o sangue dos seus guerreiros, ilustradas com o génio dos seus estadistas. Nação sempre amada e valorosa, escapou à vista desarmada de qualquer curioso turista dos mapas coloridos.

E como sucede a todas as nações de gloriosa história, São Salvador debatia-se em permanente desventura.

Os políticos viviam da corrupção, e iam deixando o país sem caminhos de ferro, sem marinha mercante, sem comunicações, sem indústria, sem instrução, sem moeda—e sem governo.

A farandulagem invadira a pobre república, tão interessante e tão brilhante, e dela fizera como que um acampamento de aztecas. Tudo se perdia: moral, saber, riqueza. Decafam as classes sociais, uma vez desaparecida, de sob o jugo demagógico, a fulgorante aristocracia. E só o exército se mostrava o penhor da dignidade nacional; a inteligência dos seus capitães brilhava tanto como brilhavam os seus galões.

Um dia, porém, o general Fausto, que muito se distinguiu na guerra da independência, numa época em que se desencadeava uma conflagração que expulsava, de palma a palma, o odioso estrangeiro, desembarcou a sua espada brilhante e clamou as capitais:

— Não queiramos que S. Salvador seja a república de Santa Perdida!

E, com o exército, derrubou o governo de políticos e proclamou um governo de generais. Voltou a normalidade, restabeceu-se uma honra nacional, e iniciou-se uma notável obra de rejuvenescimento patriótico.

E por isso, o general Fausto se tornou o ídolo do povo, que o aclamava sempre que o via passar escoltado por luzidos cadetes de cavalaria. Uma vez, até, se produziu uma calorosa manifestação de apreço popular, quando o inesquecível herói se foi a um casamento de bairro. Trindade — o bairro elegante da capital — recompor seu *toupet* — um *toupet* que se tornara o símbolo da moralidade. E como o jornalista norte-americano Ricardo, que atravessava, então, a pé, o aguerrido e valoroso país, inquirisse o que se passava, um popular lhe respondeu com desconfiança:

— Não queiramos que foi cortar o cabelo que não é seu!

Nesta frase se nota o cuidado que havia de não confiar a ninguém, ainda menos a estrangeiros odiados, como o norte-americano, os segredos do Estado de São Salvador, actualmente em caminho da prosperidade e da salvação nacional.

(Trad. do jornal americano *Telegraph* No. 12, de Horn, 15 de Janeiro de 1923.)

A GREVE NAS DOCAS BELGAS

ANVERS, 6.—A greve dos trabalhadores das docas começa a fazer sentir os seus efeitos. Alguns paquetes que deviam ter já saído, não o têm podido fazer. Recebe-se, além disso, que o movimento se estenda a outras classes.

A ordem pela tropa...

BERLIM, 6.—Segundo o "Chicago Tribune" rebentou uma revolução militar em Khorasan, distrito da Pérsia, tendo grande parte das tropas governamentais aderido aos insurretos.

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista "Terra Livre" para ser vendida em favor da A Batalha. Aquela camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulado "El otro amor de Federica Montseny". Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 1\$50.

Pedidos à administração de A Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fôlego escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo.

Por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke,

lar não é melhor servido do que o doente hospitalizado.

Agora num relance vamos ver as funções de cada secção.

A 1.ª Secção do Laboratório Central é a oficina farmacéutica por excelência. Ali se defende com carinho os cofres dos hospitais da ganância dos mercados.

Substituiu ali muita especialidade farmacéutica que absorvia verbas enormes, e substituiu-se evidentemente com manifeste benefício para os doentes. O pior é que as especialidades em Portugal surgem com reclame tão sugestivo que o médico não resiste, de forma que substitui-las todas é tarefa superior às forças humanas.

Gasta-se muito dinheiro nos hospitais em fórmulas secretas oficiais que esta secção não pode evitar, e os benefícios para os doentes nem sempre correspondem ao sacrifício dos cofres públicos. Parece-nos que um pequeno esforço do corpo clínico hospitalar seria mais salutar do que todas as medidas restritivas neste sentido.

A 2.ª Secção do mesmo laboratório é o laboratório de análises químicas. Ali são mais notáveis as deficiências de material.

Tubos de ensaios, reagentes, balanças e pouco mais completa o pseud Arsenal. Servida por um chefe e um preparador, a Reforma Lobo Alves permite que ali sejam colocados mais dois técnicos. E não será demais no dia em que a Direcção Geral entender que só quem é honesto pode ser beneficiado dos hospitais...

Esta secção como está absorve bem as energias do pesscal que tem, o qual, mercê dum esforço de competência admirável, não deixa passar senão o que deve ser.

A 3.ª Secção do Laboratório Central, a despeito da sua especialíssima função, não possui instalações próprias. Ali se armazena drogas para distribuir pelas farmácia, cujo movimento anual é superior a 2.000 contos. A-pesar-disso não possui armários, tem apenas prateleiras onde se guardam aquele valor.

N aquela secção, merece do pouco cuidado em preencher vagas, o lugar de siel está vago há 22 meses. O director dos serviços farmacéuticos, num gesto de invulgar abnegação, para que os outros serviços não sofram, está a subsistir aquele funcionário vai para dois anos!

Detemos-nos aqui. Percorrer outras dependências da Farmácia ou vasculhar os seus serviços seria fatigante para um artigo.



Mutilados e inválidos da guerra

Um grande número de mutilados e inválidos da guerra procuraram ontem o sr. general Gomes da Costa a quem pediram o cumprimento da lei n.º 1858, que revoga a lei n.º 1777, tendo sido atendidos.

Os temporais

A Sérvia e a Bulgária isoladas por uma tempestade

BELGRADO, 6.—Um violentíssimo temporal que entem caído sobre a Europa central e os Balcãs interrompeu as comunicações ferroviárias entre a Sérvia e a Bulgária.

13 pessoas mortas na Alemanha

BERLIM, 6.—Uma chuva torrencial caiu ontem de tarde sobre esta região, principalmente no bairro ocidental de Berlin, onde as ruas, praças e lojas, ficaram completamente inundadas, interrompendo-se as comunicações por muito maior espaço de tempo que nos temporais de Outubro do ano passado.

Em Magdeburgo os prejuízos foram particularmente elevados, tendo derruído algumas casas.

O número de mortos eleva-se a 13 e de feridos a algumas centenas.

A chuva caiu ininterruptamente durante 12 horas e a zona de depressão estendeu-se em mais de 100 quilometros, desde a Hungria à Holanda, curvando de tarde para o noroeste de Berlin.

INSTRUÇÃO

Escola Industrial da Fonseca Benevides

Até ao dia 15 do corrente, das 13 às 17 e das 20 às 22 horas, recebem-se na secretaria desta escola os requerimentos para exames de admissão aos seguintes cursos nas profissões: modista de vestidos e roupa branca; modista de chapéus; florista e operária de arte aplicada; bordadeira e rendeira; serraleiro mecânico e civil; torneiro e condutor de máquinas.

De harmonia com o disposto no decreto n.º 1.129 o curso das escolas industriais dispensa o exame de admissão à matrícula na Escola de Belas Artes.

No próximo sábado, pelas 21.30 horas, realiza-se, nesta Escola, a primeira audição do Orfeão Escolar, seguida de baile.

No domingo, 11, haverá, pelas 15.30 horas, uma sessão solene.

Comemoram assim os alunos deste establecimento de ensino o 9.º aniversário da Liga de Instrução e Educação da Escola Industrial da Fonseca Benevides.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos á administração de A Batalha.

Uma zona municipal infestada por ladrões do dinheiro de operários

Ora, vamos contar aos leitores a história paralela de um capataz, de um arvorado e de dois operários do serviço higiênico da C. M. L., desse serviço higiênico municipal que traz a cidade de Lisboa cheia de lixo e de poeira, inoculando aos habitantes todos os gérmenes de longas epidemias.

O arvorado chama-se Francisco não sabemos de que apelido. É pessoa de boas contas e faz serviço de encarregado da 10.ª zona. Encarregou-se da cobrança de cotizações da Associação dos Operários Municipais e desarrorou com a quantia de 500 escudos, tirados aos operários a 50 centavos por cabeça. Grão a grão encheu o Chico o papo. Pois o encarregado carregou as caderetas dos sindicatos com carimbo de pago e não descarregou a cotização paga nos respectivos livros da Associação. É claro que a burla tinha de ser descoberta e foi o operário servente Bernardino Oliveira Cardoso quem a revelou.

O arvorado não gostou de que lhe cortasse os rendimentos da burla e desarrorou a sua fúria sobre o justo desarrorado. O sub-director, sr. Alberto Lima, assustou-se diante da fúria do encarregado, e lá se encarregou de despedir abruptamente o operário Bernardino Cardoso, que, além de ficar em árvore seca com a perda do lugar, andar carregado com dificuldades que, sejam atenuadas com o pagamento de duas semanas de férias que a Câmara não lhe paga.

O outro caso se passou, ao mesmo tempo, nesta zona infestada de desarrorados. José Pires é capataz do mesmo serviço higiênico da 10.ª zona da Câmara Municipal de Lisboa. Tem uma taberna, a cuja frequência obriga os operários serventes, arrancando-lhes capiosamente a maior parte da férias.

O processo é mais engenhoso que todos os pacos dos vigaristas. Depois de forjar, sob ameaças, os operários a comerem e beberem na ignobil taberna, abusa do seu lugar de capataz, ao ter de distribuir as férias, desconta os fiados sem a prévia e legítima consulta aos interessados. De modo que os infelizes operários, não tendo onde dormir, por falta de recursos, vão pernoitar no pátio da zona perigosa.

Reclamou contra a ladrocice o operário Alfredo Cardeira Lambim, não estando disposto a ser roubado. Mas, como o capataz tem grande poder, pois os inspectores também vão comer à taberna, o operário Cardeira foi imediatamente despedido. Para isso, aproveitaram-se os assaltantes da zona da circunstância de o Cardeira estar mais de três dias em falta, por doença devidamente atestada por médicos reconhecidos.

Aqui se faz, pois, a descrição sucinta do serviço de limpeza que a Câmara Municipal vem determinando para proveito dos emboscados na 10.ª zona.

Bárbara agressão

Informam-nos do Hospital de São José que em Alter do Chão, de onde são naturais, residem os jornaleros Luís Graça de 28 anos, seu irmão Pedro Graça, de 25 anos, e António Denis, de 20 anos. Entre os dois últimos, houve há tempos, por questões de trabalho, uma desordem, a qual não teve consequências de maior devido à intervenção oportuna de outros trabalhadores. Anteontem, o Luís, encontrando-se naquela localidade com o Denis, censurou este pelo seu procedimento para com o Pedro, dando isso origem a uma discussão entre ambos que acabou por se envolverem em desordem em que o Luís foi ferido na cabeça com uma pedra, ficando com o crânio fracturado, evadindo-se o agressor em seguida a ver prostrado o seu antagonista. Ao ferido acudiram então várias pessoas, sendo-lhe naquela localidade prestados os primeiros socorros e vindo ontem para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha o transportou ao Hospital de S. José, em cujo Banco foi operado pelos drs. Luís Ottolini e Sacadura Boto, recolhendo em seguida, em estado grave, à Sala de Observações.

Cito textualmente para que não possa arguir de inventar:

«Os filhos dos deuses viram que as filhas dos homens eram belas, e tomaram por mulheres as que lhes agradaram.» (*Genesis*, cap. VI). E a Igreja excomunga Tomás Moore, porque ele acreditava na sexualidade dos anjos, tendo entre si os seus amores e os seus actos genéricos!

Voltemos, porém, às consequências do pecado. Deus condena a serpente a andar de rastos, por ter sido sob a forma dum serpente que Satanaz conseguiu ludibriar nos pais dos vigaristas. Deus volviu que mais vale pensar primeiro do que arrependendo depois, quando o mal já não tem.

Mais adiante, no primeiro livro dos Reis, Deus escolhe Saul para sempre como rei dos judeus. Um dia, porém, Saul esquece-se de que só Samuel tem a qualidade sacerdotal de sacrificador, e sacrifica ele mesmo ao Deus dos exércites. E eis logo Deus arrependendo-se, por conta de Samuel, de ter escolhido Saul para rei, e deliberando despojá-lo da soberania!

Ora, Deus deve, para ser um Deus decente, ser infallível nas suas opiniões. Como conciliar essa infallibilidade com tantos arrependimentos?

Voltemos, porém, às consequências do pecado. Deus condena a serpente a andar de rastos, por ter sido sob a forma dum serpente que Satanaz conseguiu ludibriar nos pais dos vigaristas.

Em primeiro lugar há aqui um erro jurídico, depõendo contra a supremacia justa de Deus. O castigo não deve atingir senão o delinquente; e as serpentes não têm culpa de que o Diabo tenha tomado a sua forma, porque Moisés teve o desculpo de que as julgar os animais mais astutos da criação, coisa que a ciência hoje contesta formalmente, apresentando-as serpentes como sendo os animais mais estúpidos. Em segundo lugar, sendo a serpente um réptil, como queria o Deus bíblico que ela andasse sem rasto?

Segundo-nos na leitura do *Genesis*, vê-se que Moisés, a-pesar de divinamente inspirado por Deus, acreditou nesta história da carochinha: a existência de gigantes gerados pelos filhos dos deuses nos filhos dos homens... ora, isto é, além do mais, uma afirmação politeísta, com a agravante de, à semelhança de Homero e outros fabulistas, nos apresentarem os deuses em grande violência, com um camião da Câmara Municipal que se empregava no transporte de pedra, resultando o Boaventura ficar com a perna esquerda fracturada pela coxa e José Joaquim Vital, de 63 anos, natural de Lamego, e morador na Quinta da Carapuça em Alégres, passageiro do refreiro eléctrico, ficar contuso nas pernas.

Transportados ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, foram ali pensados, recolhendo depois o Boaventura à enfermaria do São Francisco do Hospital de São José, e seguindo o Vital para casa.

O carro que ficou bastante danificado foi rebocado para Santo Amaro.

Cito textualmente para que não possa arguir de inventar:

«Os filhos dos deuses viram que as filhas dos homens eram belas, e tomaram por mulheres as que lhes agradaram.» (*Genesis*, cap. VI).

E a Igreja excomunga Tomás Moore, porque ele acreditava na sexualidade dos anjos, tendo entre si os seus amores e os seus actos genéricos!

Voltemos, porém, às consequências do pecado. Deus condena a serpente a andar de rastos, por ter sido sob a forma dum serpente que Satanaz conseguiu ludibriar nos pais dos vigaristas.

Em primeiro lugar há aqui um erro jurídico, depõendo contra a supremacia justa de Deus. O castigo não deve atingir senão o delinquente; e as serpentes não têm culpa de que o Diabo tenha tomado a sua forma, porque Moisés teve o desculpo de que as julgar os animais mais astutos da criação, coisa que a ciência hoje contesta formalmente, apresentando-as serpentes como sendo os animais mais estúpidos. Em segundo lugar, sendo a serpente um réptil, como queria o Deus bíblico que ela andasse sem rasto?

Segundo-nos na leitura do *Genesis*, vê-se que Moisés, a-pesar de divinamente inspirado por Deus, acreditou nesta história da carochinha: a existência de gigantes gerados pelos filhos dos deuses nos filhos dos homens... ora, isto é, além do mais, uma afirmação politeísta, com a agravante de, à semelhança de Homero e outros fabulistas, nos apresentarem os deuses em grande violência, com um camião da Câmara Municipal que se empregava no transporte de pedra, resultando o Boaventura ficar com a perna esquerda fracturada pela coxa e José Joaquim Vital, de 63 anos, natural de Lamego, e morador na Quinta da Carapuça em Alégres, passageiro do refreiro eléctrico, ficar contuso nas pernas.

Transportados ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, foram ali pensados, recolhendo depois o Boaventura à enfermaria do São Francisco do Hospital de São José, e seguindo o Vital para casa.

O carro que ficou bastante danificado foi rebocado para Santo Amaro.

Cito textualmente para que não possa arguir de inventar:

«Os filhos dos deuses viram que as filhas dos homens eram belas, e tomaram por mulheres as que lhes agradaram.» (*Genesis*, cap. VI).

E a Igreja excomunga Tomás Moore, porque ele acreditava na sexualidade dos anjos, tendo entre si os seus amores e os seus actos genéricos!

Voltemos, porém, às consequências do pecado. Deus condena a serpente a andar de rastos, por ter sido sob a forma dum serpente que Satanaz conseguiu ludibriar nos pais dos vigaristas.

Em primeiro lugar há aqui um erro jurídico, depõendo contra a supremacia justa de Deus. O castigo não deve atingir senão o delinquente; e as serpentes não têm culpa de que o Diabo tenha tomado a sua forma, porque Moisés teve o desculpo de que as julgar os animais mais astutos da criação, coisa que a ciência hoje contesta formalmente, apresentando-as serpentes como sendo os animais mais estúpidos. Em segundo lugar, sendo a serpente um réptil, como queria o Deus bíblico que ela andasse sem rasto?

Segundo-nos na leitura do *Genesis*, vê-se que Moisés, a-pesar de divinamente inspirado por Deus, acreditou nesta história da carochinha: a existência de gigantes gerados pelos filhos dos deuses nos filhos dos homens... ora, isto é, além do mais, uma afirmação politeísta, com a agravante de, à semelhança de Homero e outros fabulistas, nos apresentarem os deuses em grande violência, com um camião da Câmara Municipal que se empregava no transporte de pedra, resultando o Boaventura ficar com a perna esquerda fracturada pela coxa e José Joaquim Vital, de 63 anos, natural de Lamego, e morador na Quinta da Carapuça em Alégres, passageiro do refreiro eléctrico, ficar contuso nas pernas.

Transportados ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, foram ali pensados, recolhendo depois o Boaventura à enfermaria do São Francisco do Hospital de São José, e seguindo o Vital para casa.

O carro que ficou bastante danificado foi rebocado para Santo Amaro.

Cito textualmente para que não possa arguir de inventar:

«Os filhos dos deuses viram que as filhas dos homens eram belas, e tomaram por mulheres as que lhes agradaram.» (*Genesis*, cap. VI).

E a Igreja excomunga Tomás Moore, porque ele acreditava na sexualidade dos anjos, tendo entre si os seus amores e os seus actos genéricos!

Voltemos, porém, às consequências do pecado. Deus condena a serpente a andar de rastos, por ter sido sob a forma dum serpente que Satanaz conseguiu ludibriar nos pais dos vigaristas.

Em primeiro lugar há aqui um erro jurídico, depõendo contra a supremacia justa de Deus. O castigo não deve atingir senão o delinquente; e as serpentes não têm culpa de que o Diabo tenha tomado a sua forma, porque Moisés teve o desculpo de que as julgar os animais mais astutos da criação, coisa que a ciência hoje contesta formalmente, apresentando-as serpentes como sendo os animais mais estúpidos. Em segundo lugar, sendo a serpente um réptil, como queria o Deus bíblico que ela andasse sem rasto?

Segundo-nos na leitura do *Genesis*, vê-se que Moisés, a-pesar de divinamente inspirado por Deus, acreditou nesta história da carochinha: a existência de gigantes gerados pelos filhos dos deuses nos filhos dos homens... ora, isto é, além do mais, uma afirmação politeísta, com a agravante de, à semelhança de Homero e outros fabulistas, nos apresentarem os deuses em grande violência, com um camião da Câmara Municipal que se empregava no transporte de pedra, resultando o Boaventura ficar com a perna esquerda fracturada pela coxa e José Joaquim Vital, de 63 anos, natural de Lamego, e morador na Quinta da Carapuça em Alégres, passageiro do refreiro eléctrico, ficar contuso nas pernas.

Transportados ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, foram ali pensados, recolhendo depois o Boaventura à enfermaria do São Francisco do Hospital de São José, e seguindo o Vital para casa.

O carro que ficou bastante danificado foi rebocado para Santo Amaro.

Cito textualmente para que não possa arguir de inventar:

«Os filhos dos deuses viram que as filhas dos homens eram belas, e tomaram por mulheres as que lhes agradaram.» (*Genesis*, cap. VI).

E a Igreja excomunga Tomás Moore, porque ele acreditava na sexualidade dos anjos, tendo entre si os seus amores e os seus actos genéricos!

Voltemos, porém, às consequências do pecado. Deus condena a serpente a andar de rastos, por ter sido sob a forma dum serpente que Satanaz conseguiu ludibriar nos pais dos vigaristas.

A BATALHA

O ensino religioso nas escolas constitui um atentado contra a débil cerebração infantil

Deus, afirma você, é um monossilabo maravilhoso, que em nada perturba a imaginação infantil.

Ainda neste ponto dirvir fundamentalmente da sua opinião. Monosílabo maravilhoso em quê e porquê? Tem algum som especial? E' porventura mais harmonioso e mais belo que estoutros monosílabos—mãe, tuz, sol, mar? Não é. Mais harmonioso e sentido que, por exemplo—luar, dia, manhã, saudade?

Trata-se, porém, de um nome próprio? Muito bem o que dirá então de—*Maria, Bathuel, Canaan, Galaad, Cedar, Israel, Engaddi, Sinai, Jerusalém?*

Isto para não sairmos do campo bíblico, porque se nos embrenharmos pelos domínios do politeísmo, quantos monosílabos maravilhosos, quantos nomes cheios de celestial beleza e divina harmonia!

O monosílabo Deus é belo pelo que representa e significa, dirá você. Mas, nesse caso, como classificaremos, por exemplo, a palavra *Lucifer*? O que ela nos recorda? *Lux ferit*: que leva a luz, o que ilumina, o que abre os olhos, o que nos ergue e nos redime. Lucifer!—o pai do sol, o que nos manda o dia, por conseguinte, o que da a claridade, o que espalha a alegria, o que faz nascer e amar, o que nos guia e que nos salva! Pois não é assim?

Ainda se você me dissesse que esse termo era belo por encarnar numa pessoa bela, por nos lembrar um objecto, um efeito ou uma causa bela, eu não discutiria.

Por exemplo: se essa palavra completar o nome de certo João inconfundível, que nos dico o *Campo de Flores* e a *Cartilha Maternal*, então sim, significará na verdade, alguma coisa de superior, pela bondade e pelo gênio. Revestirá candura, amor, esplendor. Se a juntarmos aos nomes de Bakunin ou do patriarca Joaquim Lopes, eu direi: Bela palavra! que me faz lembrar almas sublimes, que muito padecem e muito amaram.

Anteponha-a você aos nomes de Berthelot e de Pasteur ou em exclamar enternecido:—Sublime expressão, que tanto diz!

Mas assim, não. Porque a palavra Deus, em abstrato, tirando-lhe os *Vedas* o *Gênesis* ou o *Alcorão*, não a referindo ao Ganes, ao Sinaí, a Santa Kaaba, ou mesmo ao Bom Jesus, não é coisa nemhuma. E, sendo assim, ela de certo não perturba, em nada, a imaginação infantil.

Mas, onde encontrará você professor tão subtil e tão arguto que saiba explicar e fazer compreender a uma criança o significado Deus, sem que daí resultem graves contradições e embarracos? Onde existiu já-mais o profeta que nos falasse em Deus, sem o trazer, ao mesmo tempo, as contingências deste mundo? Qual foi o teólogo ou filósofo, espiritualista que, querendo alhear Deus a tudo quanto seja material e transitório, não caisse com ele no profundo, incomensurável abismo da metafísica, donde têm saído também muita incongruência e muita confusão?

Aprendemos, portanto, na experiência dos que erraram. Sejamos positivos. Eu, amanhã, seu discípulo convicto, vou dar uma lição a crianças, não direi já de uma classe primária, mas do 3º ou 4º ano dos liceus. No programa ou compêndio aprovado surge o termo em litígio. E logo, naturalmente, este diálogo:

Aluno—Deus: o que é?

Professor—Uma palavra maravilhosa. Significa o espírito religioso da Humanidade, aquilo que em si reúne toda a bondade e perfeição—o Absoluto (*Concentração da parte da criança, que procura entender. Os seus olhos, inquietos, indicam-me, porém, que não fui compreendido.*) Vou procurar ser mais claro. Deus é o Todo, o Universal, o Necessário. E' a ausência de limites no perfeito, a essência da substância, a causalidade suma, o grande Sér, enfim.

A.—E figura tem?

P.—Não tem figura. E' só espírito.

A.—Não comprehendo.

P.—Pois é bem claro. Deus é o absoluto do sé, o absoluto da causa; que vive em si e por si, no infinito do tempo e do espaço.

A.—Então é uma coisa que existe, que vive e que não podemos sentir, não é assim?

P.—E' e não é. E' certo que existe, mas nós não podemos sentir, como também não podemos sentir a bondade, a justiça, a verdade.

A.—Mas sentimos as pessoas em quem essas qualidades e virtudes se observam.

P.—Eu não fui ainda bem explícito. Deus... é o sentido moral, a beleza interior das almas, aquilo que faz os santos e os mártires.

A.—Mas se é isso, para que o escrevem com letra maiúscula?

P.—Escreve-se assim por convenção. Mas não é uma entidade, é como direi? Um sentimento, um ideal. E' o amor, a virtude, a beleza.

A.—Mas, sendo assim, para que se lhe há de chamar Deus e não beleza, amor, virtude?

Como continuaria você este diálogo, de maneira a fazer compreender a sua ideia? Eu declaro-lhe que preferia não ter começado; mas, tendo-o feito, um único caminho me restaria mudar de assunto, para não ser embulhado pelo meu educando que, neste debate, acabaria por formular raciocínios mais claros que os meus e por tirar conclusões incomparavelmente mais lógicas e mais precisas que as minhas. E porque? Porque as crianças não são como nós, que nos servimos, muita vez, das palavras, para fazermos derivar o nosso pensamento para um determinado fim que nos convém, porque atinge certo ponto de vista. As crianças pensam em linha recta, é certo; mas, por isso mesmo as suas conclusões são claras e são lógicas, em relação ao objecto que lhes foi apresentado. Falal-se-lhes em Deus, espírito incriado e criador. O que vêm elas? Um símbolo? Um princípio? Uma ideia? Não: vêm simplesmente um indivíduo. Pode lá haver criança, por mais viva e precoce, que acompanhe o raciocínio de um metafísico sobre a essência de Deus? Não é possível. Porque? Porque a criança só faz ideia de Deus, só comprehende

Os ferroviários do Sul e Sueste defendem-se

Tomas da FONSECA

AS GREVES

Fogueiros e maquinistas dos cercos americanos do industrial Fialho

PORTEMÃO, 4.—Da grande crise de trabalho que tem assolado toda a província do Algarve se têm servido os industriais e armadores para fazerem reduções de salário e aumentarem as horas de trabalho. Um dos que mais têm reduzido o salário aos seus operários é o grande industrial algarvio, João António Judge Fialho, que é cognominado o "Rei do Algarve"; pois este senhor que melhor seria denominá-lo o Tirano do Algarve, atirou, como já foi dito para a Batalha, com milhares de criaturas para a miséria; os que ficaram, tiveram que sofrer uma baixa de salários ou redução de dias de trabalho. Ultimamente sofreram redução nos seus salários, os homens que trabalham nas descargas do sr. Fialho; o pessoal dos cercos sofreu também uma redução de 2000\$000, seus magros salários que de 7500\$000 passou a 5000\$000.

Têm sofrido estes párias as reduções que lhes têm imposto, quase que sem um exame de cortiça, depois pintada. (*Averigüei que esta criança tinha visto, numa sacristia, várias imagens e, entre elas, uma feita de cortiça.*)

J.—Que é Deus, sabes?

T.—É uma coisa de gesso, de madeira ou de cortiça, depois pintada. (*Averigüei que esta criança tinha visto, numa sacristia, várias imagens e, entre elas, uma feita de cortiça.*)

J.—Isso é santos. Deus é um senhor que vive no céu.

T.—No céu? Se ele lá estivesse, caiá cá em baixo.

J.—Isso caiá ele. Pois tu não sabes que é quem manda em tudo?

T.—Ali manda em tudo? Então manda em tudo?

J.—(que lhe segura rapidamente a mão, onde tem o copo). Tu não sabes nada. Deus é aquilo que cria tudo.

T.—Então é o só!

J.—Não. Deus é outra coisa. E' o que manda na religião. Pois por que falam neles os padres?

T.—Porque não estão bons do miolo.

Vai o diálogo com todo o pitoresco da forma em que foi ouvido. Se você duvidar da veracidade de semelhante sabatina, e não tenha dividiu alguma em lhe apresentar os dois filósofos, para que os ouça e com elas continue a discussão.

Agora pregunto:—Estas coisas indefiníveis, misteriosas, prevenidas pelo professor ou impostas pelo catequista, não perturbam a imaginação infantil? Oh! se perturbam! Quer sejam ensinadas para tornar a criança indiferente, quer para levar o seu espírito ao misticismo, à religiosidade sectarista, não podem deixá-la indiferente. No primeiro caso, a criança terá de raciocinar sobre o motivo por que desejam que ela se conserve alheia aos deuses e aos seus mistérios, à religião eusos preceitos, e isso, creia, há de perturbar, há de agitar o seu entendimento. São coisas interessantes, são novidades. Ela fica pensando...

Se desejam, porém, iniciá-la nos mistérios divinos, fazê-la cristã, budista, fetichista ou maometana, nesse caso têm de predispor-lhe a inteligência com um seu número de pretensos efeitos de que ela nunca poderá conhecer as causas. Ver-sa-há na necessidade de lhe falar em coisas maravilhosas, que na vida real já-mais poderão observar-se, precisamente por que estão fora do alcance dos sentidos, forá da inteligência e da razão. E, sendo assim, como não poderá deixar de ser, eu pregunto de novo: não será isto perturbar a inteligência em formação? Respondam todos aqueles que, como você, conhecem a insaciável, a infinita curiosidade dessa primeira infância.

Mas, onde encontrará você professor tão subtil e tão arguto que saiba explicar e fazer compreender a uma criança o significado Deus, sem que daí resultem graves contradições e embarracos? Onde existiu já-mais o profeta que nos falasse em Deus, sem o trazer, ao mesmo tempo, as contingências deste mundo? Qual foi o teólogo ou filósofo, espiritualista que, querendo alhear Deus a tudo quanto seja material e transitório, não caisse com ele no profundo, incomensurável abismo da metafísica, donde têm saído também muita incongruência e muita confusão?

Aprendemos, portanto, na experiência dos que erraram. Sejamos positivos. Eu, amanhã, seu discípulo convicto, vou dar uma lição a crianças, não direi já de uma classe primária, mas do 3º ou 4º ano dos liceus. No programa ou compêndio aprovado surge o termo em litígio. E logo, naturalmente, este diálogo:

Aluno—Deus: o que é?

Professor—Uma palavra maravilhosa. Significa o espírito religioso da Humanidade, aquilo que em si reúne toda a bondade e perfeição—o Absoluto (*Concentração da parte da criança, que procura entender. Os seus olhos, inquietos, indicam-me, porém, que não fui compreendido.*) Vou procurar ser mais claro. Deus é o Todo, o Universal, o Necessário. E' a ausência de limites no perfeito, a essência da substância, a causalidade suma, o grande Sér, enfim.

A.—E figura tem?

P.—Não tem figura. E' só espírito.

A.—Não comprehendo.

P.—Pois é bem claro. Deus é o absoluto do sé, o absoluto da causa; que vive em si e por si, no infinito do tempo e do espaço.

A.—Então é uma coisa que existe, que vive e que não podemos sentir, não é assim?

P.—E' e não é. E' certo que existe, mas nós não podemos sentir, como também não podemos sentir a bondade, a justiça, a verdade.

A.—Mas sentimos as pessoas em quem essas qualidades e virtudes se observam.

P.—Eu não fui ainda bem explícito. Deus... é o sentido moral, a beleza interior das almas, aquilo que faz os santos e os mártires.

A.—Mas se é isso, para que o escrevem com letra maiúscula?

P.—Escreve-se assim por convenção. Mas não é uma entidade, é como direi? Um sentimento, um ideal. E' o amor, a virtude, a beleza.

A.—Mas, sendo assim, para que se lhe há de chamar Deus e não beleza, amor, virtude?

Como continuaria você este diálogo, de maneira a fazer compreender a sua ideia? Eu declaro-lhe que preferia não ter começado; mas, tendo-o feito, um único caminho me restaria mudar de assunto, para não ser embulhado pelo meu educando que, neste debate, acabaria por formular raciocínios mais claros que os meus e por tirar conclusões incomparavelmente mais lógicas e mais precisas que as minhas. E porque? Porque as crianças não são como nós, que nos servimos, muita vez, das palavras, para fazermos derivar o nosso pensamento para um determinado fim que nos convém, porque atinge certo ponto de vista. As crianças pensam em linha recta, é certo; mas, por isso mesmo as suas conclusões são claras e são lógicas, em relação ao objecto que lhes foi apresentado. Falal-se-lhes em Deus, espírito incriado e criador. O que vêm elas? Um símbolo? Um princípio?

Uma explosão numa fábrica de fogos de artifício pôs em perigo a vida de algumas crianças

VIANA DO CASTELO, 5.— Pouco depois das onze horas toda a cidade foi alarizada pelo toque de sinos dando sinal de fogo.

Os agentes superiores não têm o direito de tomarem parte nessa farça, exigindo do pessoal assinaturas, porque a sua função profissional não é essa. O pessoal que o não queria fazer deve recusar as suas assinaturas, mesmo aos agentes superiores.

Dentro de alguns dias, será iniciada pelo Sindicato, a manifestação colectiva de todo o pessoal sindicado ou não, por escrito, sobre esta questão, para, de facto e de verdade, ficar definitivamente assente que a classe ferroviária do Sul e Sueste está incompatibilizada moral e materialmente com os três já citados engenheiros.

E' preciso que se prove que a maioria das crianças não são como nós, que nos servimos, muita vez, das palavras, para fazermos derivar o nosso pensamento para um determinado fim que nos convém, porque atinge certo ponto de vista. As crianças pensam em linha recta, é certo; mas, por isso mesmo as suas conclusões são claras e são lógicas, em relação ao objecto que lhes foi apresentado. Falal-se-lhes em Deus, espírito incriado e criador. O que vêm elas? Um símbolo? Um princípio?

Tem consciência e repudia as manobras desse redondíssimo número de ferroviários—sem vergonha—que neste momento gravíssimo atentam contra a dignidade dumha classe a que infelizmente pertencem.

Deus adere ao bolchevismo?

MOSCOWIA, 6.—Afirma-se terem sido redatadas as relações entre os Soviéticos e o Vaticano.

AS GREVES

Fogueiros e maquinistas dos cercos americanos do industrial Fialho

PORTEMÃO, 4.—Da grande crise de trabalho que tem assolado toda a província do Algarve se têm servido os industriais e armadores para fazerem reduções de salário e aumentarem as horas de trabalho. Um dos que mais têm reduzido o salário aos seus operários é o grande industrial algarvio, João António Judge Fialho, que é cognominado o "Rei do Algarve"; pois este senhor que melhor seria denominá-lo o Tirano do Algarve, atirou, como já foi dito para a Batalha, com milhares de criaturas para a miséria; os que ficaram, tiveram que sofrer uma baixa de salários ou redução de dias de trabalho. Ultimamente sofreram redução nos seus salários, os homens que trabalham nas descargas do sr. Fialho; o pessoal dos cercos sofreu também uma redução de 2000\$000, seus magros salários que de 7500\$000 passou a 5000\$000.

ESTOCOLMO.—No dia 1 de junho caiu o ministério Sandier, o terceiro ministério da Social Democracia sueca, depois de 1917. A crise de trabalho foi a causa primária desta revolta política, que teve as mesmas características daquela outrora revolta de Branting sofreu em 1923.

Durante estes dois últimos anos de governo social-democrata, a classe operária nenhum benefício obteve, pois a sua situação económica se agravou sempre. As reformas que proclaimaram necessárias nos seus sectores, não conseguiram os sociais-democratas efectivamente com o inteiro exercício do poder. A flemua dos nôrdicos também se altera e, por isso, é que a oposição ao governo Sandier foi-se propagando por todo o movimento operário.

Os sociais-democratas sentiram fugir-lhes a popularidade e Sandier decidiu-se a uma态度 categórica atitude em face do operariado. Errou, e outra coisa não poderia fazer, a tentar diminuir a crise do trabalho; não podendo transformar cada desempregado em fura-greves, viu na sua imediata demissão.

Os socialistas sentiram fugir-lhes a popularidade e Sandier decidiu-se a uma态度 categórica atitude em face do operariado. Errou, e outra coisa não poderia fazer, a tentar diminuir a crise do trabalho; não podendo transformar cada desempregado em fura-greves, viu na sua imediata demissão.

As agremiações, com a sua actividade, pretendem forçar os desempregados a voltar a Stripsa, substituir os grevistas, sob o pretexto de necessidade pública. Ameaçava ainda os desempregados com a perda do subsídio para renda de casa se recusassem prestar serviço.

E, por último, estalou a greve dos mineiros de Stripsa. Havia mais de um ano que os mineiros de Stripsa reclamavam aumento de salário. Os patrões recusaram atender a reclamação e despediu todos os operários. Enfim, a organização sindical proclamou a boicotagem às minas, impedindo que qualquer operário fosse para lá trabalhar.

Estiveram as minas abandonadas cerca de um ano. Os proprietários fizeram, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Discussão e votação dum parecer sobre a criação dum jornal corporativo; 2.º Apresentar um documento sobre a colaboração dos técnicos; 3.º Reunião de estatística.

SÓLIDARIEDADE

DIAS PRÓXIMOS:

S. U. C. Civil.—Reúne hoje, pelas 21 e meio horas, a comissão de melhoria dos serviços militares.

Federación da Construção Civil—Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão de melhoria dos serviços militares.

Conselho Técnico